



O porquê do por que



O mundo atravessa uma crise de proporções avassaladoras que já exigiu, principalmente dos governos norte-americano e europeus, a inversão de centenas de bilhões de dólares nas respectivas economias, para tentar estancar a sangria, até agora com pouco sucesso.

Como não poderia deixar de ser, este quadro está afetando a economia brasileira e a tendência é que vários setores começem a patinar, perdendo fôlego em função da situação internacional.

De outro lado, o Governo está fazendo uma aposta arriscada, permitindo que a inflação suba além do teto fixado, o que é uma temeridade, mas com forte apoio popular.

É verdade que o Brasil tem apenas 15% de suas receitas advindas do comércio internacional. Ou seja, o quadro do resto do mundo, em função do grosso dos negócios brasileiros se darem entre brasileiros, pode ter um impacto marginal, maior do que as marolas do ex-presidente Lula, mas insuficiente para criar uma crise.

O problema é que a sombra da alta da inflação com o quadro internacional pode receber mais um auxílio, representado pelos gastos públicos, ainda muito acima do que seria necessário.

Por enquanto o céu ainda está claro e navegamos em mar de almirante, quer dizer, a economia nacional segue numa boa rota, ainda mais se nos compararmos ao resto do planeta.

Para o setor de seguros o cenário é mais confortável ainda. A leitura das estatísticas a respeito mostra que a previdência privada aberta bate recordes de captação, enquanto a venda de veículos novos garante o crescimento da carteira de automóveis e a indústria da construção marcha acelerada, garantindo espaço para os mais variados tipos de seguros patrimoniais e de responsabilidade civil.

Apenas com base nestes dados, a atividade pode contar com um bom ano, inclusive com boa expansão real sobre os números de 2010, que já foram bastante significativos em termos de crescimento.

O porquê do quadro não é complicado para ser entendido. O pulo do gato está no crescimento acelerado e irreversível da classe média.

Se tivemos 12 milhões de pessoas arrancadas da miséria, o que é fantástico em termos sociais, para a economia nacional é mais importante o ingresso de mais de 30 milhões de brasileiros na classe média.

Quem está dando suporte para o crescimento do país como um todo e para o setor de seguros especificamente são estas pessoas.

A mudança de patamar, além de significar o enriquecimento do país, indica que milhões de pessoas passaram a ter poder de compra e que estão dispostas a adquirir itens que até pouco tempo lhes pareciam além do sonho e que hoje estão ao seu alcance, basicamente por conta dos creditoários de longo prazo.

Seguro, sob o viés da proteção social, é atividade de apoio. As pessoas compram seguro para proteger o patrimônio, a família e a capacidade de atuação. Ou seja, compram seguro em decorrência de outras compras ou investimentos que necessitam proteção.

Como uma economia do tamanho da brasileira não desaquece do dia para noite, se não acontecer nenhum tsunami dos que no passado varriam o país, mas que hoje é altamente improvável, é possível dizer que a atividade seguradora já pode comemorar antecipadamente os resultados de 2012. Na cola do que já aconteceu, ainda tem muito seguro para ser feito, sem contar os que serão gerados pelo que ainda vem pela frente. ■

Artigo publicado no site do Sindsegsp

Antonio Penteado Mendonça, presidente da Academia Paulista de Letras, sócio da Penteado Mendonça Advocacia e comentarista da Rádio Estadão/ESPN